

Me ensine arrendar que te ensino a fazer renda

por Nelson Eduardo

Quem não conhece esse trocadilho? É com ele que considero possível chamar a atenção dos leitores para o fenômeno que presenciamos diariamente e ao qual não estamos prestando a devida atenção.

Porque, afinal, não se resolve a questão das terras em excesso para uns e em falta para outros?

Sucedem-se discursos e reuniões há décadas e, mesmo com os avanços óbvios na legislação e nas declaradas intenções dos dirigentes públicos e lideranças dos movimentos de produtores com terra e dos sem terra, o fato é que a demanda é muito maior do que a possibilidade de assentamentos, a serem mantidas as condições e as confusões atuais.

A edição da revista Leia neste mês oferece informações que pretende instigar reflexão no binômio poder da propriedade versus poder da produção de alimentos.

Busca induzir os envolvidos a responderem para si o que realmente interessa ao futuro de sua própria família e das famílias dos outros, os demais brasileiros.

Os volumes de pessoas hoje gravitando em torno da questão de ter ou não ter terra me lembra, perdoem o abuso da comparação, a luta entre negros e brancos na África do Sul.

Se os negros são maioria, acabariam mesmo por governar o País. Contudo, mesmo não acreditando que a maioria dos sem terra um dia tomarão todas as terras dos com terra, o fato é que estamos vivendo neste ano em Mato Grosso do Sul

praticamente uma ocupação a cada três dias. Até parece plano de manter “as metas”.

Onde isso vai nos levar, esta é a verdadeira questão. Pois se é sempre melhor prevenir do que remediar, a proposta é que as partes se apressem nas alternativas, seja promovendo mais audiências públicas, mais fóruns, mais reuniões segmentadas, seja simplesmente respondendo à pergunta: o que interessa, realmente, ao futuro de nossos filhos: o poder da propriedade ou o poder da produção de alimentos?

Se a resposta for pela geração de renda, trabalho e emprego, então vamos arrendar para fazer renda.

No mundo rural é comum a meiação, o arrendamento e as parcerias. Ainda acrescento o instrumento do Fica, quem se

O Governo transporta, armazena, vende e paga os parceiros. Ao proprietário, se quiser, em produção. Ao sub-arrendatário, garante o reinício do ciclo.

lembra?

Naqueles tempos – e nem vão tantos anos assim – quem imaginaria invasão rítmica de terras, aqui neste sul de um Estado tão pacato?

Está claro que a confiança das partes, umas nas outras, está momentaneamente comprometida.

Nenhum proprietário arrendará parte de suas terras a nenhum sem terra participante do MST – e certamente nem o movimento quer isso.

Mas fica, outra vez, a pergunta: querem produzir alimentos sem se tornarem donos da terra? Os donos querem renda pela produção, mesmo não sendo eles a “operarem” o plantio e a colheita?

Admitamos que existam algumas dezenas de interessados nesse futuro.

Como agir, se não há confiança entre as partes?

Me ensine arrendar que te ensino a fazer renda

Meu “devaneio” leva-me a imaginar o proprietário arrendando terras ao Governo e este sub-arrendando aos agricultores sem terra, oferecendo-lhes o apoio de suas empresas especializadas (Empaer, por exemplo), moradia, ferramentas, sementes e assistência técnica para o cultivo e a colheita.

O Governo transporta, armazena, vende e paga os parceiros. Ao proprietário, se quiser, em produção. Ao sub-arrendatário, garante o reinício do ciclo.

Sonho mais: com o dinheiro que não usou para pagar desapropriações, poderia ter sobras para realmente financiar a produção e implantar os núcleos de assistência aos moradores no campo: escola, saúde, transporte e segurança.

E, de quebra, ainda monitoraria a conservação do meio ambiente.

Acrescento ainda o instituto jurídico da parceria por etapa, modalidade prática e de pequeno risco que vem se tornando mais difundida agora, depois de recente audiência pública sobre reforma agrária.

Nesse ponto da leitura, alguém poderia dizer: e para que “enfiar” o governo nisso?

Porque, mediante as circunstâncias atuais, é preciso primeiro recobrar a confiança uns nos outros, é preciso gerar renda, acreditar e querer produzir alimentos. Porque, na verdade, não existe Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O que existe, mesmo é o MST – Movimento dos Sem Trabalho. É fácil perceber que o assunto não se esgota aqui.

Espero que seja fácil da mesma forma entender que, em se querendo resolver, pode ser resolvido. Sem tempero de tomada do poder político. Porque o importante é o poder dos alimentos.